

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

A EXPERIÊNCIA DE UMA COORDENADORA PEDAGÓGICA E SUA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Geani Machado Dalcim¹

Eixo temático: Trabalho Docente e Formação de Professores

*Não pude falar de mim,
dizer que sou mais que um diploma;
Sou um ser sem fim,
meu aluno faz minha fama.*

Introdução

A problemática da formação de professores será abordada neste artigo, com destaque para a formação continuada em serviço, na perspectiva de uma coordenadora pedagógica. Em uma aula do mestrado, durante um debate sobre a qualidade do ensino e a formação de professores na modalidade EAD, uma colega afirmou: "A questão é que não temos mais, bons professores! Eles não sabem escrever, não sabem o que é diário de classe, não sabem fazer um planejamento...". Essa colocação me provocou um profundo conflito interno. Como coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Balneário Barra do Sul/SC e professora formada na modalidade semipresencial, senti-me pessoalmente atingida por essa fala. Sinto que ela desrespeita o sujeito, que carrega uma história. Não conhecemos quem é o professor, sua trajetória de vida, seus percursos formativos e caminhos até à docência. Um professor que não sabe escrever, por exemplo, a falha não está em sua escolarização primária? Conheço professores aposentados que falam errado, escrevem errado. Será culpa da sua graduação? Ter acesso ao diário de classe, a um sistema de registro de faltas e notas ocorre antes do exercício da docência? Quem deve ensinar como planejar uma aula, atendendo os preceitos da rede de ensino? Afinal, eu estava ali, refletindo a minha posição, cursando o mestrado e ocupando uma posição de liderança em minha rede. Sou uma professora que ama ensinar, que se dedica

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação da UNIVILLE/ SC.
professorageani@gmail.com

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

à profissão e que busca compartilhar com os demais docentes as trajetórias, angústias e esperanças de fazermos a diferença na vida dos alunos.

Naquele momento, questionei-me: "Devo me manifestar? Será que os demais colegas, formados em instituições tradicionais e presenciais, entenderiam meu ponto de vista sem conhecer minha trajetória?". A partir dessas reflexões, surge este ensaio, no qual abordarei as narrativas de professoras, suas histórias de vida e seus caminhos na educação. Embora as críticas ao EAD como política educacional sejam válidas e importantes, assim como outras discussões acerca da formação inicial, este artigo se concentrará nas experiências que vivenciei ao longo da minha jornada como coordenadora pedagógica, trazendo à tona os desafios e as aprendizagens no campo da formação continuada.

Partimos dos referenciais bibliográficos de Imbernón (2010), Nóvoa (2007, 2022, 2023), Freire (2014) e Silva e Rausch (2010) que falam da formação docente, carreira profissional e formação continuada. Josso (2004, 2010) será abordada na perspectiva da escrita narrativa, das biografias educativas.

Esta produção está organizada em três capítulos: o primeiro, sobre indução profissional, no qual apresento o início de carreira, as incertezas, acompanhamentos e suportes necessários à prática docente; o segundo, intitulado: "Coletividade Subjugada", onde exploro as narrativas e possibilidades formativas que surgem da observação, escuta e reflexão das práticas docentes; e, por fim, trago um sopro de esperança ao relatar as reflexões que surgem no meu processo formativo e atuação na coordenação pedagógica de ensino.

Indução profissional

Quando o ano inicia, geralmente se apresentam nas escolas, os novos professores, principalmente, os substitutos, que estão em busca de experiência e colocação no mundo do trabalho. Na maioria, formados há pouco tempo, alguns ainda nem receberam o seu diploma, mas já assinaram os seus contratos de docência. Chegam na escola inseguros, com materiais novos, cadernos de folhas limpas e olhar atento. *Como é difícil chegar na*



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

escola! Eu lembro do meu primeiro dia de aula e do meu jaleco de nuvens. Na escola, estamos tão preocupados com os alunos, com a organização das salas, atender aos pais, que muitas vezes não nos damos conta de que, nossos colegas professores, também, precisam de atenção.

O início da carreira docente é marcado por muitas incertezas. O professor que ingressa numa rede de ensino, não conhece sua cultura, organização, processos e pessoas. A insegurança e necessidade de adaptação ao ambiente escolar podem gerar muita cobrança e ansiedade no professor iniciante. Se o professor está sozinho, acaba por buscar em suas memórias escolares, da infância, o exemplo de professor que gostaria de ser, ou o que não deseja repetir. Isso é o reverbera na maioria das vezes. O professor iniciante, quando não acolhido, fecha mais que a porta de sua sala de aula, fecha-se no aprender a ensinar de forma solitária e autônoma.

Quando eu comecei, após formada, já tinha experiência das vivências escolares, atuando como auxiliar de classe e professora de inclusão em outra rede, mas estava com um ‘frio na barriga’, aguardando a diretora na recepção da escola. Levei, na bolsa, dois livros de literatura infantil, caso precisasse correr para uma turma, o que eu já esperava. Tinha organizado um roteiro de atividades, para conhecer os alunos, independente da série. Mas, mesmo assim, o nervosismo me consumia. Pessoas passavam, registravam o ponto eletrônico; algumas, conversando, nem me olhavam; outras me cumprimentavam, e eu já simpatizava com olhares carinhosos. Quem me recebeu foi o supervisor, que perguntou se eu já tinha experiência, enquanto andávamos pelo corredor da escola. Paramos na frente da sala do quarto ano A, minha primeira turma. E assim comecei minha carreira. Lembra dos olhares carinhosos que comentei há pouco? Foram as professoras que me deram uma cópia da matriz de ensino e me falaram da 'rachadinha' para usar a impressora e comprar café. Aprendi muito, muito mesmo, no meu primeiro ano, principalmente sozinha, em casa, à noite, pesquisando e estudando fora do horário de trabalho. Na mesma semana, outra professora iniciou na escola. Eu escutava os comentários maldosos sobre a sua prática, na sala de professores. Primeiro eu pensava ‘ainda bem que não estão falando de mim!’, mas ao conversar com a menina, que tinha

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

acabado de se formar e nunca havia atuado na escola, eu refletia, de quem era o papel de lhe ensinar a docência?

Voltando aos meus professores iniciantes e a preocupação que se apresenta quanto à sua indução profissional, percebo a fragilidade dos processos existentes nas escolas, a partir da minha experiência e de colegas de profissão. Como coordenadora pedagógica, eu ouvia os supervisores escolares repetidamente falando das novas professoras, que não sabiam fazer o planejamento, utilizar a lousa e não possuíam domínio de classe; seus erros eram apontados diariamente. Eu me coloquei no lugar do professor iniciante, questionando os supervisores: Quem acompanhou o professor no primeiro dia, apresentou a escola, entregou os materiais didáticos, levou à sala dos professores e apresentou os alunos? E a resposta da maioria foi que ninguém o fez, pelo menos não no primeiro dia: *‘Imagina fazer isso com cada professor que chega?’*, questionou-me uma supervisora. Eu me pus a refletir sobre isso: Por que não acolhemos nossos professores iniciantes? Esse questionamento não deve recair apenas sobre os supervisores escolares, mas deve refletir o pensamento político educacional geral, num contexto de políticas e práticas.

[...] a ação de acompanhamento do professor iniciante diz respeito a uma construção coletiva, cujas práticas envolvem escuta, aconselhamento, orientação, estímulos, confrontos, no sentido de fazer com que o docente em início de carreira tenha possibilidades de falar sobre si mesmo em seu novo contexto de trabalho, como ‘sujeito capaz, numa situação existencial, de dar significado ao que vive, de dizer onde ele está, quem ele é e para onde ele deseja se orientar. (Paul, 2019 apud Passos et al., 2024, p. 6)

Ainda, segundo Nóvoa (2022, p.11) “o conhecimento de cada professor depende do conhecimento dos seus colegas, das possibilidades infinitas contidas nas suas interações e seus diálogos”, o que nos faz pensar sobre a cultura de profissionalização docente, da qual, nós professores, fazemos parte. A própria dinâmica da escola não é propícia ao acolhimento, estamos todos de portas fechadas e diários individualizados, resolvendo nossos desafios de modo isolado.

Neste ponto, não é apenas o professor iniciante que acaba por descobrir uma carreira solitária, muitos professores que poderiam ser referências na condução de novos docentes, movidos pela ‘cultura do isolamento’, não aprenderam a construir saberes coletivos e reflexivos, a partir da contextualização da teoria e prática. Não é algo novo,

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

causado apenas pela forma como as pessoas se formam ou se comunicam nos dias atuais, são temas decorrentes de ensaios há mais de trinta anos, que exige um movimento de quebra de paradigmas, o que não é fácil ou rápido de se conduzir. Como nos diz Nóvoa (2023, p. 126), “é a metamorfose da escola”, que deve ser pensada também para os docentes que iniciam a sua carreira, para que possam estes, serem agentes da transformação.

Coletividade subjugada

Para continuar minha escrita, sigo um processo de leitura, registro e reflexão que preciso realizar no papel, no caderno. Estou há dias "empacada neste capítulo". Não quero adotar um tom pessimista em relação aos meus colegas nem fazer com que se sintam fracassados. Meu objetivo é promover a mudança e trazer esperança aos professores. Nós, docentes, cumprimos nosso papel obediente e somos cobrados diariamente por resultados que nem sempre correspondem às realidades que enfrentamos.

A fala de uma colega de mestrado, apontando os defeitos dos professores com a justificativa de que estes são formados na modalidade EAD e nada sabem, me tirou de um lugar confortável, no qual eu estava. Penso no que eu posso fazer a partir da formação inicial, no que eu devo promover para o sucesso deste profissional que recebo. Vejo possibilidades nos sujeitos que são professores, mas ao mesmo tempo, entendo o desespero da minha colega, estamos lidando com a diversidade de alunos e professores nunca vista no ambiente escolar. A questão não é a formação, mas o porquê da escolha em ser professor. Conheço excelentes professores formados na modalidade EAD, como também professores que não se realizam no ensino público.

Considero importante que se compreenda o desenvolvimento do professor e do currículo e, para desenhar este último de modo adequado, necessitamos de saber muito mais sobre as prioridades dos professores. Em suma, precisamos de mais saber sobre a vida dos professores. (Goodson apud Nóvoa, 2007, p. 66)



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

A modalidade EAD permitiu o acesso ao ensino superior a uma parcela da sociedade que não pensava atingir tal nível, sendo assim, precisamos conhecer quem são os professores, suas trajetórias de vida, seu gosto pelo estudo e por ensinar. Eu vejo a potencialidade de um grupo de professores que vêm da realidade dos alunos, de escola pública de baixa renda, ao mesmo tempo que vejo a necessidade de garantir acesso a uma educação que os próprios professores não tiveram oportunidade de ter, inclusive na educação básica. Nesse ponto, eu penso que é preciso pensar a formação de professores de modo emancipatório e, cabe a nós, que estamos na escola realizar essa integração de saberes para que ultrapassem os muros da escola.

A escola tem um papel fundamental na formação humana, nas suas relações, no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e em como lidar com as regras e necessidades da vida em sociedade. Uma professora, recentemente, me disse: *Eu preciso fazer alguma coisa! Meus alunos não se interessam por português ou matemática, eles só se importam com a pesca e com pegar camarão*. Percebem a semelhança de discurso entre o que ouvi da professora e da colega de mestrado? A problemática está posta no modelo de ensino aplicado desde o currículo do ensino fundamental, que não valoriza os saberes empíricos, ou se dispõe a pensar possibilidades de formar partindo das necessidades dos aprendentes.

A escola tem de nos pôr em contato com realidades e culturas que, sem ela, nos teriam ficado inacessíveis. Nesse sentido, não pode limitar-se a reproduzir a vida, mas tem de aspirar a ser mais do que “esta” vida, abrindo viagens e oportunidades que, de outro modo, jamais teriam acontecido. A escola não pode nunca desviar da sua finalidade primordial: conseguir que os alunos aprendam a pensar. (Nóvoa, 2022, p.18)

Certa vez, em uma sala de aula, meus alunos me perguntaram o que eu faria no final de semana. Respondi que iria ao cinema com meus filhos, e um aluno, ao ouvir, perguntou se seria no shopping. Quando confirmei, percebi que a maioria nunca tinha ido ao cinema e poucos haviam estado em um shopping. Eu lembrei da minha infância e compartilhei com eles: fui ao cinema a primeira vez, com dezessete anos de idade, numa atividade de escola, com o professor Mauro, de Geografia, o filme que assisti foi “O dia depois de amanhã”; a primeira vez que fui ao museu, minha professora da quarta série

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

que levou, fomos ao Museu do Sambaqui de Joinville, minha carteirinha da biblioteca central, fiz num passeio escolar da sexta série, meu primeiro emprego, minha professora de história, Marilene, que me indicou. São pessoas que marcaram a minha vida e me fizeram deslumbrar possibilidades, assim como desejo aos meus alunos.

Ser professora foi uma decisão fundamentada no que eu gosto de fazer e nas minhas potencialidades. Eu escolhi, tive outras opções. Agora se perguntarem por que a modalidade semipresencial? Porque foi onde tive a porta aberta, e aproveitei ao máximo, participando de projeto de extensão, seminário de pesquisa, atuando em etapas e modalidades de ensino durante meu curso, produzindo artigos e participando de eventos. Na escola, eu sempre fui a melhor aluna da sala, a representante de turma, a ‘professora substituta’ das turmas, no Ensino Médio noturno, eu sempre sabia o que eu faria. Mas tive que ajustar o curso da minha vida às minhas possibilidades.

Tantos outros professores poderiam compartilhar histórias semelhantes, repletas de luta e superação de desafios. Uma professora que recentemente ingressou na rede, trabalhou na limpeza da escola por oito anos e se formou no ano passado. Quando ela chegou à minha sala, toda sorridente, eu a parabeneizei. Já sabia dos desafios que ela enfrentaria na escola, incluindo o preconceito de pais e professores.

Estava sem supervisor na escola em que ela iniciou, organizei minha agenda e decidi estar presente em suas aulas, ensinei-a a fazer o planejamento, a organizar a rotina no quadro, o quanto escrever no quadro, quando caminhar pela sala, acompanhar os alunos, o que avaliar e como avaliar e entreguei-lhe materiais. Acompanhei todo o seu primeiro trimestre. Realizei um encontro formativo na escola, onde incentivamos os professores a revisitar suas memórias escolares e os professores que marcaram suas vidas. Passamos uma tarde conversando sobre o trabalho coletivo e sobre como se espelhar em um bom professor. Fiz tudo o que considerava que poderia contribuir para o seu desenvolvimento. Sinto que poderia ter feito mais. Às vezes, falta tempo, profissionais e formação adequada, não conseguimos acolher a todos os professores da mesma forma. Mas não posso deixar que me falte esperança.

Há muitos factores que influenciam o modo de pensar, de sentir e de actuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

diferentes contextos biológicos e experienciais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam. “Não é apenas uma parcela de nós que se torna professor[...]” (Holly apud Nóvoa, 2007, p.82)

Compreender as fragilidades do percurso formativo para a docência ocorre a partir da reflexão de suas práticas, conhecimento teórico e capacidade de superação dos desafios. Muitas vezes, esse processo se dá pelo tempo, no qual aponta Huberman (2007), que entre os quatro e seis anos, ocorre a fase da estabilização é capaz de gerar o sentimento de emancipação e autonomia docente, na qual os professores se colocam como multiplicadores do saber-fazer, o que pode ser promissor para a elaboração de estratégias reflexivas.

A valorização dos professores só será real se deixarmos de criticar uns aos outros e passarmos a atuar como formadores mútuos. As redes de ensino precisam garantir formação continuada com especialistas experientes e promover tempos e espaços de aprendizagem colaborativa e reflexiva entre os docentes.

Os professores nunca viram o seu conhecimento próprio devidamente reconhecido, mesmo quando se enalteceu a sua missão; hoje, temos a consciência clara de que nada será conseguido sem uma valorização do conhecimento profissional docente [...] (Nóvoa, 2023, p. 26)

É um desafio pensar que possamos contruir um espaço comum de aprendizagem, de pesquisa e formação docente, como diz Nóvoa (2023), que aproxime universidades e professores quando estamos normatizados pela crítica, sem conhecer os sujeitos, suas histórias de vida e valorizar as suas vivências.

Os profissionais da rede, que “estão com a mão na massa”, dificilmente são envolvidos na formulação, planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de atividades de formação, até porque, as péssimas condições de organização e desenvolvimento do trabalho docente nas escolas, impedem o seu envolvimento: os pesquisadores e demais estudiosos do ensino fundamental e médio não são os que estão atuando nesses ensinos. (Alves e Almeida apud Silva e Rausch, 2008, p. 89)

Os pesquisadores, têm seu repertório cultural e acadêmico, da mesma forma, os professores, independentemente de sua formação inicial, possuem trajetórias particulares

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

que os moldam, em suas crenças, valores e atitudes, e estas influenciam o seu fazer pedagógico e identidade. A questão é que ambos não interagem.

[...] os professores devem assumir a condição de serem sujeitos da formação, compartilhando seus significados, com a consciência de que todos somos sujeitos quando nos diferenciamos trabalhando juntos, e desenvolvendo uma identidade profissional [...], sem ser um mero instrumento nas mãos dos outros (Imbernón, 2010, p.78)

Recordo-me da reflexão de Freire (2014) de que ninguém forma ninguém, nos formamos em comunhão. Essa reflexão pode levar à construção coletiva de identidade e empoderamento, essencial para os novos tempos da educação, onde os professores têm o papel de libertar os alunos para o desejo de aprender e serem seres sociais, autônomos e críticos. O que desejamos para nossos alunos é o que percebemos como faltante em nós mesmos. A liberdade de opinar e questionar na escola é fundamental. Devemos superar a obediência e permitir que a escola continue existindo e evoluindo, mudando nosso modelo de ensino, inclusive para os professores.

Um sopro de esperança

Atuar na coordenação pedagógica despertou em mim o desejo de promover um movimento coletivo, sair do espaço individual de aprendiz e me tornar parte de um todo. Na primeira reunião que tive com os supervisores escolares, pedi que me dissessem o que desejavam e o que precisavam de mim. Eles solicitaram modelos de documentos, atualização do currículo, contratações e palestras. Saí da reunião com uma agenda repleta de anotações sobre tarefas burocráticas e pensando em como dar conta de tudo.

Decidi que o foco deveria ser nos professores. Elaborei um cronograma no qual, a cada mês, os professores, por turma, se reuniram para discutir o currículo e os documentos. Ao final do primeiro ano, entregamos o currículo atualizado da rede. Durante esse período, realizamos algumas palestras sobre temas emergentes, como educação especial, alfabetização e metodologias ativas. No entanto, nas reuniões com os professores, a maioria não forneceu *feedback* positivo.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

O próximo passo foi organizar formações em serviço. Os supervisores ficaram responsáveis por levantar as demandas e organizar as pautas, enquanto eu ficaria encarregada de um tema específico. Esses momentos foram produtivos e mantivemos essa prática até hoje. Esse exercício me levou a desejar mais do que a rede podia oferecer: realizar um sonho que eu frequentemente registrava em meu diário – cursar o mestrado.

Ao refletir sobre minha trajetória na formação de professores e as oportunidades proporcionadas pelo mestrado, sinto um sopro de esperança que revigora minha prática e meu compromisso com a educação. O mestrado se revelou uma porta aberta para um mundo de leituras, reflexões e formações que eu não teria acessado de outra forma. Esse acesso não apenas ampliou meu horizonte acadêmico, mas também me ofereceu uma sensação de igualdade com aqueles que tiveram mais oportunidades ao longo de suas carreiras. Além disso, desperta em mim o desejo de realizar uma pesquisa focada na escuta da escola, através da perspectiva da biografia educativa, promovendo a emancipação dos sujeitos com quem atuo e incentivando neles o desejo pela pesquisa.

Palavras-chave: Formação Continuada de Professores. Indução profissional. Coordenação pedagógica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação Continuada de Professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

NÓVOA, Antonio. *Vida de Professores*. Porto: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, Antonio. *Escolas e professores – Proteger, transformar e valorizar*. Bahia: SEC/IAT, 2022.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

NÓVOA, Antonio. Conhecimento profissional docente e formação de professores. Revista Brasileira de Educação, v. 27, 2022. Disponível em: scielo.br/j/rbedu/a/TBsRtWkP7hx9ZZNWywbLjny/?format=pdf&lang=pt.

NÓVOA, Antonio. Professores libertar o futuro. São Paulo: Diálogos, 2023.

PASSOS, L. F.; ALMEIDA, P. A.; REIS, A. T.; GOMBOEFF, A. L. M. Coordenadores Pedagógicos: reflexões e práticas de apoio e de acolhimento ao docente iniciante. Revista Eletrônica em Educação, v. 18, 1-22, jan./dez. 2024.

SILVA, N. M. A.; RAUSCH, R. B. Formação de Professores: políticas, gestão e práticas. Blumenau: EDIFURB, 2008.